

Porque caminhas?

LUÍS FERREIRA

Porque Caminhas?

*Por vezes, o Caminho dá-nos as respostas
que não procurávamos.*





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título – Porque caminhas?

Autor – Luís Ferreira

Composição Gráfica – EGO

Imagens da Capa e Contracapa – freepik© e shutterstock©

Fotografia do Autor – Jorge Manuel©

Revisão de Texto – EGO

Paginação – EGO

Edição – EGO

1ª Edição – Agosto 2020

ISBN – 979-8669391058

Depósito Legal – 473031/20

Impressão e Acabamento – Tipografia Lousanense

*Para o Jorge Manuel e para a Carla Baptista,
pessoas maravilhosas, amigos fantásticos.*

©2020, Luís Ferreira e EGO Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.



Santiago de Compostela

Ponte Ulla

Lalín

Rodeiro

Monforte
de Lemos

Chantada

A Pobra de
Brollón

Quiroga

A Rúa

Sobradelo

Ponferrada

Las Médulas



CAMINHO DE
INVERNO

*“Mesmo que já tenha feito uma longa caminhada,
sempre haverá mais um caminho a percorrer.”*

Santo Agostinho

100KM

um

Todo o caminho tem um início, e este começara uns anos antes de pôr a mochila às costas, no decurso de um árduo trabalho de investigação. Naquela noite de meados de junho, sob a luz intensa de vários holofotes, já não conseguia esconder o cansaço, e desejava, ansiosamente, o fim daquela jornada. Os últimos meses, passados entre Portugal e Espanha, tinham sido de tal forma intensos, que levaram a que perdesse a noção do tempo e dos quilómetros percorridos.

Envergava um fato clássico azul escuro, que lhe conferia um ar profissional e elegante, e calçava uns sapatos pretos, formais que o deixavam excessivamente desconfortável. A gravata sufocava-o e o calor das luzes fazia-o suar em bica. Preferia as apresentações informais, não só devido ao guarda-roupa, em que qualquer calção e *T-shirt* pareciam ser adequados, mas também pelo ambiente, inevitavelmente mais descontraído, como as que fizera em várias associações ligadas ao Caminho.

Porém, aquela noite era especial. Depois de discursar em cerca de cem salas diferentes, esta seria a última vez, trazendo consigo um sentimento agri-doce. Tinham sido tempos desgastantes, mas não podia lamentar-se, afinal ganhava a vida a fazer o que mais gostava.

Chegara a Lisboa num voo direto de Madrid e seguira de imediato para a Gare do Oriente, para apanhar o comboio rumo à cidade dos estudantes. O local escolhido para a última palestra fora o auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra. Sentado à janela do *Alfa Pendular*, de olhos fechados, a única ideia que repetia à exaustão na sua mente era a de estar a precisar de férias.

À chegada ao antigo edifício da reitoria da Universidade de Coimbra, no Paço das Escolas, estacou à entrada, perante a escadaria em que tinha assistido a inúmeras serenatas, enquanto estudante. Havia algum tempo que não voltara àquele local de onde guardava tantas e tão boas memórias. O tempo passara rápido demais, e ali estava ele, novamente, desta vez até já com algumas madeixas de cabelo prateadas.

Discretamente, olhou para o relógio, e suspirou. Estava na hora, a sessão ia começar. Entrou e encaminhou-se para o anfiteatro, já repleto de gente espalhada por toda a sala. Assim que chegou, o anfitrião veio recebê-lo, e apresentou-o depois, com umas breves palavras, às quatro personalidades que faziam parte da mesa de honra.

Ao repararem na sua presença, a assistência dirigiu-se naturalmente aos seus lugares e o burburinho começou a dissipar-se. Era ele o convidado especial, o centro de todas as atenções. Recentemente, uma das mais prestigiadas revistas espanholas tinha publicado uma reportagem sobre o seu trabalho, elevando-o ao patamar dos maiores historiadores do culto jacobeu, o que aumentara em muito o reconhecimento por parte do público.

Alto, de pele morena, cabelo escuro desgrenhado e óculos de massa, Gabriel era um investigador incansável, quase obsessivo com o seu trabalho. Gostava de se perder em bibliotecas antigas, e examinava cada documento histórico com a precisão de um ourives. Deixava muitas vezes a sua vida pessoal para trás e o seu conceito de descanso passava por calçar as botas, agarrar na mochila e partir pelo Caminho como um mero e desconhecido peregrino, apesar de no momento se afigurar impossível, perante tanta projeção mediática.

Com um pequeno sinal ao painel, o apresentador deu, então, início à sessão:

– Senhoras e senhores – as palavras saíam num timbre de voz firme e autoritária –, antes de mais, boa noite. É com bastante apreço que nos deparamos com uma sala repleta de gente interessada nos Caminhos de Santiago, e por isso, começo por agradecer a vossa presença. Em relação ao nosso convidado, sabemos que dispensa apresentações: é um filho desta casa, mestre em História Medieval e doutor em História de Portugal. Publicou numerosos artigos, livros e estudos, e os seus trabalhos são amplamente reconhecidos, quer no nosso país, quer no país vizinho, nomeadamente na Galiza, onde ainda, nos últimos dias, foi alvo de um tributo.

Gabriel sentia-se exposto à multidão que tinha à sua frente. Passou, sorrateiramente, as palmas húmidas das suas mãos nas calças, ao mesmo tempo que procurava controlar a sua ansiedade.

– Este homem, pela sua simplicidade e pela sua forma de estar, pediu-me, simpaticamente, que dispensasse as restantes palavras da introdução que tinha preparado. Não posso negar um pedido expresso a um ilustre convidado, para além de que, na verdade, o seu currículo iria preencher o resto da sessão – brincou, arrancando alguns sorrisos à plateia.

– Por favor, não exagere – soltou Gabriel entre dentes, enquanto procurava disfarçar um sorriso contrafeito.

– Sem mais demoras e porque estamos todos ansiosos por o ouvir, chamo aqui ao microfone, o Doutor Gabriel Alexandre de Sousa para nos falar sobre o seu mais recente trabalho de investigação, O Caminho da Rainha Santa rumo a Santiago de Compostela.

Chegara o momento. Gabriel repetiu mais uma vez, mentalmente, as principais ideias do seu discurso, que já sabia quase de cor, e ajeitou por uma última vez o nó da gravata.

– Muito obrigado, Senhor Reitor Doutor António Ramos – disse por entre um sorriso tímido. Levantou-se de seguida e avançou lentamente para o púlpito do lado esquerdo do palco, enquanto era projetada uma figura da Rainha Santa Isabel numa tela branca atrás de si.

Encarando a assistência, deixou escapar um suspiro de cansaço.

– Boa... boa noite a todos. Vou, então, dar início à apresentação.

– Gabriel agarrou no comando e premiu o botão para que surgisse a imagem seguinte. O silêncio era avassalador e os olhos do público pousados em si, faziam-no vacilar.

– É uma honra poder encerrar o meu ciclo de apresentações precisamente aqui, não só pelo tema e por toda a sua carga simbólica para a cidade, mas também pela minha ligação à universidade.

À medida que ia falando, o discurso ia ficando mais fluído e as palavras soltavam-se harmoniosamente, como se cumprimentassem cada um dos presentes.

– Foram meses de investigação – continuou –, mas o trabalho final, apesar de ser discutível e provavelmente até refutado no futuro, é aquele que, nos dias que correm, permite traçar a possível rota de peregrinação de Isabel de Aragão até à cidade onde repousam os restos mortais de São Tiago.



O retinir do som do telemóvel quebrou o silêncio do quarto. Com um enorme esforço e incredulidade, Gabriel agarrou no aparelho que se esquecera de desligar umas horas antes. Como não reconhecia o número que aparecia no centro do ecrã, optou por não atender. Seria certamente algum vendedor, pensou.

No entanto, quem quer que fosse do outro lado, não ia desistir tão cedo. Ao fim de três chamadas, Gabriel, com uma irritação difícil de disfarçar, decidiu atender.

– Sim? – respondeu com uma voz agressiva, ainda que sonolenta.

A palestra tinha acabado pelas 23h30, depois de ter respondido às inúmeras questões de quem se encontrava na assistência. Despediu-se dos seus colegas de painel e, só a muito custo, conseguiu recusar o amável convite para beber um copo com eles. Só pensava em arrastar-se para o hotel, para poder mergulhar num sono profundo.

– Doutor Gabriel, as minhas desculpas por o estar a incomodar.

Chamo-me João Semedo e obtive o seu número através de um amigo comum. O nome Xavi González diz-lhe alguma coisa?

– Não estou a ver quem é... – disse ainda desorientado pelo precoce despertar, enquanto soltava um ligeiro bocejo. – Mas oiça, não estou interessado em adquirir nada do que possa querer vender – acrescentou Gabriel, preparando-se para desligar e regressar aos lençóis.

– Espere, doutor Gabriel! Não estou a vender nada! Talvez conheça a pessoa que me deu o seu número como Xavier, o peregrino galego, dono de uma boa disposição e de um humor notável. Conheceram-se, segundo sei, no ano passado, no Caminho Primitivo.

Gabriel sentou-se na cama e esfregou os olhos, tentando despertar. Aquela última frase captara a sua atenção. Fosse quem fosse que estivesse do outro lado da linha, parecia deter algumas informações sobre si.

– O Xavier, sim, claro. Sei quem é...

Se fosse quem ele estava a pensar, era um bom amigo com quem tinha vivido alguns dos seus melhores episódios passados ao longo do Caminho. Tinham-se conhecido no albergue de peregrinos de Bodenaya e, a partir daí, caminhado juntos até Santiago de Compostela, construindo uma sólida amizade. Recentemente, Xavier tinha estado presente em Tui, numa das últimas sessões de apresentação que promovera. Era um homem apaixonado pelo Caminho e por todo o culto Jacobeu, tendo contribuído com alguns dos seus conhecimentos para o trabalho que realizara.

– Em que posso... – começou por dizer Gabriel, regressando à conversa, agora num tom mais amigável.

– Antes de mais, quero felicitá-lo pela brilhante apresentação da noite passada. Sem dúvida que tem um trabalho notável e foi uma exposição de nível superior.

– Muito obrigado – respondeu Gabriel, enquanto deslizava para fora da cama, afundando os pés na espessa alcatifa do quarto.

– Deve estar a estranhar o telefonema e toda esta abordagem. Lamento incomodá-lo, mas o Dr. Gabriel é a pessoa indicada para aquilo que tenho em mente.